

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15443 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 01-Educação Intercultural, Educação Ambiental e Decolonialidade na Amazônia

ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: DESAFIOS PARA SUPERAR A COLONIALIDADE

Rizonilda Sales Natividade - ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

Albert Alan de Sousa Cordeiro - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ENSINO DE ARTE NAS ESCOLAS BRASILEIRAS:

DESAFIOS PARA SUPERAR A COLONIALIDADE

Resumo: Este trabalho pretende discutir os modos como a colonialidade interfere no campo das artes, em especial, no seu ensino, analisando como o eurocentrismo e o desprezo pela produção artística dos povos vítimas do colonialismo ainda se apresentam contemporaneamente. Esta reflexões integram uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, a nível de mestrado e foi viabilizada por meio de uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Arte; Ensino de Arte; Colonialidade

Introdução

O trabalho “Ensino de arte nas escolas brasileiras: desafios para superar a colonialidade” integra os estudos da pesquisa de mestrado em andamento que analisa os efeitos da colonialidade no ensino de arte no Estado do Amapá.

Discutiremos como a colonialidade afeta a arte e o seu ensino, refletindo sobre sua perpetuação nos costumes e no pensamento de quem vive em território já colonizado. Será analisado, também, o currículo de arte hegemonicamente adotado na educação, observando a influência exercida pela colonialidade em relação à produção e à apreciação de arte em várias dimensões e observando que a arte tem sido influenciada por narrativas eurocêntricas.

Consideramos importante entender os efeitos deixados pelo colonialismo e dialogar com eles, a fim de analisar como, na contemporaneidade, vêm se traduzindo em uma nova roupagem, a qual ainda prevalece na sociedade e que, imposta pelo colonizador, controla e desumaniza, estabelecendo diferenças nas estruturas de poder.

Metodologia:

O presente trabalho foi construído por meio de uma pesquisa bibliográfica que mapeou

parte da produção intelectual nacional que se debruçou sobre o tema proposto, seguindo as orientações de Marconi e Lakatos (2010).

Resultados Parciais:

Desde sua consolidação, a colonialidade teve impacto profundo na produção artística, influenciando as formas como a arte é criada, representada e percebida. O período colonial marcou-se pela dominação de povos, quando as potências coloniais se apropriavam de elementos culturais das sociedades colonizadas e produziam, frequentemente, obras de arte que combinavam elementos das culturas colonizadoras com os das culturas colonizadas, desrespeitando ou deturpando as tradições originais, estereotipando-as como exóticas, contribuindo para a perpetuação de visões distorcidas.

A colonialidade estabeleceu hierarquia artística que favorecia as tradições europeias em detrimento das nações colonizadas, levando à supervalorização da arte ocidental, enquanto as formas de arte indígenas, africanas, asiáticas e de outras regiões eram consideradas “primitivas” ou “inferiores”.

No período colonial, as autoridades coloniais censuraram e/ou controlaram a produção artística colonizada, proibindo ou restringindo certas formas de expressão artística, consideradas subversivas ou ameaçadoras para o regime colonial. Para Mignolo (2008, p. 12):

La estética atraviesa género y sexualidade, y también racialidad en tanto arte y estética imponen un patrón ideal de beleza que va del arte a Miss Universo y la industria de la moda. Y el arte (también la filosofía, la ciencia, la tecnología e la religión cristiana) establece un patrón a partir del cual se clasifica y jerarquiza el orden del mundo. La estética y el arte fueron y continúan siendo instrumento institucional de colonialidad.

Palermo (2014) afirma que para pensar o que é arte na América Latina faz-se necessário um processo de desprendimento dos imperativos que compõem o projeto eurocentrado. A autora afirma que a construção da colonialidade no campo das artes, como uma forma de produção social, tem início na conquista dos colonizadores. Segundo a autora (2014, p. 10):

La instancia colonial, para cumplir sus objetivos, llevó consigo la negación de todas las formas de vida y producción de las culturas preexistentes, buscando borrar las huellas de los modos de aprendizaje y transmisión de técnicas y del uso de materiales propios del habitat para sustituirlos por las miradas, los instrumentos y los materiales de su propia, superior y avanzada civilización. Desde ese primer contacto, las oposiciones valorativas: superioridad vs. Inferioridad, primitivo vs. Civilizado habrán de regir los criterios estéticos que se ponen en circulación.

Pode-se perceber que na América Latina a arte e suas manifestações ainda se apresentam pautadas em pressupostos, em escolas, em técnicas, em estéticas e em formas

eurocênticas. Desde o período colonial, o olhar artístico continua treinado para marcar pessoas e classificá-las dentro de uma escala social, de uma lógica de projeto moderno/colonial, igualmente classificando as produções e as representações artísticas. Podemos citar como exemplo de vítimas desse olhar colonial, os povos originários do Brasil, cuja arte, mesmo na contemporaneidade, é vista como inferior.

As artes têm contribuído para a manutenção e a expansão de certos padrões ao criar, classificar e hierarquizar regras do fazer visual e da busca por sentidos. Ela está diretamente ligada a uma formação estética moderna/colonial essencialista, homogênea e universal, endossando a matriz colonial do poder apagando e silenciando a criatividade sensorial de outras culturas fora da Europa (Mignolo, 2017).

Como destacado por Moura (2018), a arte na América Latina tem suas origens em uma matriz de poder eurocentrada. Daí surge a urgência de abordar a Educação Artística sob uma perspectiva outra, que envolva a superação de barreiras e a celebração das epistemologias e aspectos culturais próprios da América Latina.

Considerações Finais

Quijano (2007) pontua que a colonização não conseguiu destruir a herança intelectual, estética, visual, nem as relações intersubjetivas na perspectiva eurocêntrica. A consciência sobre a influência da colonialidade no ensino de arte tem levado a movimentos de descolonização. Educadores, artistas e ativistas têm advogado por um currículo diversificado, que abra espaço para produções diversas e que desafie narrativas coloniais, a fim de enfatizar uma perspectiva crítica, incentivando pessoas a questionarem a história da arte e seus legados da colonialidade.

A conversão de um currículo tradicional hegemônico para um currículo desobediente em arte precisa transfigurar um espaço precível de liberdade exercida a partir do contato com “o/a” “Outro/a” e do estabelecimento de um campo de diálogo; afinal, se a tradição é mutante, torna-se necessária a localização dessas fendas radicais nas lacunas de saberes engessados.

Referências

- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Metodologia científica. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- MIGNOLO, W. D. Novas reflexões sobre “**Ideia da América Latina**”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. Caderno CRH, [S.l.], v. 21, n. 53, 2008.
- MIGNOLO, Walter. VÁSQUEZ, Rolando. **Pedagogía y (de)colonialidad**. In: WALSH, Catherine. Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivier. Tomo II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017
- MOURA, Eduardo Junior Santos. **Des/obediência na de/colonialidade da formação docente em arte na América Latina** (Brasil/Colômbia). 2018, 249 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2018.

Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, Doutorado Latinoamericano: Políticas Públicas e Profissão Docente.

PALERMO, Zulma. El arte latino americano em la encrucijada decolonial. In: PALERMO, Zulma; MELLADO, Justo Pastor; ALBÁN ACHINTE, Albán. Arte y estética em la encrucijada descolonial. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (org.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.